

O JARÉ NAS MÍDIAS: REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA (S) E ESTEREOTIPIAS

JARÉ IN THE MEDIA: REPRESENTATIONS OF AFRICA (S) AND STEREOTYPES



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 01 | Nº. 1 | Ano 2020

Cristiane Andrade Santos

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar o Jarê, religião de terreiro existente apenas na região da Chapada Diamantina, e analisar os discursos sobre a (s) África (s) reproduzidos pelas mídias em torno desta prática, a qual tem surgido como um elemento fortalecedor do turismo cultural na região. Os pesquisadores do tema, a descrevem como uma religião dita de “matriz africana” e/ou “afro-indígena”. As mídias reproduzem esse discurso, o qual tende a classificar toda e qualquer religião com determinadas características, como sendo “de origem africana”. Além de não contribuírem para o entendimento das práticas, esses discursos essencializam o fenômeno. Através de pesquisa documental, matérias jornalísticas e revisão bibliográfica, este trabalho, identifica e analisa as representações de África presentes em alguns discursos midiáticos sobre o Jarê.

PALAVRAS-CHAVE: Jarê; Religião de Terreiro; “Matriz Africana”.

ABSTRACT: This work aims to present the Jarê, a terreiro religion that exists only in the Chapada Diamantina region, and to analyze the discourses about Africa (s) reproduced by the media around this practice, which has emerged as a strengthening element of cultural tourism in the region. Researchers on the topic describe it as a religion called “African matrix” and / or “Afro-indigenous”. The media reproduce this discourse, which tends to classify any and all religions with certain characteristics, as being “of African origin”. In addition to not contributing to the understanding of practices, these speeches essentialize the phenomenon. Through documentary research, journalistic articles and bibliographic review, this work identifies and analyzes the representations of Africa present in some media speeches about Jarê.

KEY WORDS: Jarê; Terreiro Religion; “African Matrix”.

Site/Contato

Editores

Cinthia Nólacio de Almeida Maia
cinthianolacio@yahoo.com.br

Rita de Cássia Nascimento dos Santos
rita.tic@gmail.com

O JARÉ NAS MÍDIAS: REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA (S) E ESTEREOTIPIAS

Cristiane Andrade Santos ¹

INTRODUÇÃO

O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o tremendum, ou a majestas, ou o mysterium fascinans mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o ganz andere: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural (ELIADE, 1992, p. 12).

O presente artigo, fruto de um projeto de pesquisa de doutoramento, ainda em fase inicial, no Programa de Doutorado Multidisciplinar e Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento (DMMDC) pelas instituições: Universidade Federal da Bahia (UFBA)/ Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Instituto Federal da Bahia (IFBA), tem por objetivo, a partir de uma perspectiva do seu desenvolvimento histórico, discutir algumas questões acerca do Jarê, religião que se faz presente exclusivamente na região da Chapada Diamantina. Concebendo a prática como invenção humana, irei defini-la como uma religião de terreiro, conceito a ser apresentado e discutido ao longo do artigo. Serão também analisados os discursos sobre a (s) África (s) reproduzidos pelas mídias em torno desta prática. A religião é descrita nos poucos estudos existentes, como uma prática místico-religiosa, uma espécie de “seita” de “origem africana” ou “afro-indígena”.

Localizada na região central do Estado da Bahia, a Chapada Diamantina tem sua atual denominação, em decorrência de sua formação geológica e da atividade econômica de extração do diamante, a qual no séc. XIX atraiu um grande fluxo de migrantes para a região, denominada, à época, de Lavras Diamantinas. A região das Lavras vivenciou um período de apogeu, sofrendo na sequência um longo período de decadência, motivada pela queda do preço do diamante no mercado mundial, em decorrência da descoberta de jazidas na África do Sul em 1866. A região voltou a ter um rápido período de retomada do seu desenvolvimento, em decorrência da repentina valorização do carbonado² usado nas brocas de perfuração para construção do canal do Panamá em 1880, e metrô na Europa, caindo em seguida em processo de estagnação econômica.

¹ Docente UNEB/DCHT XXIII (Seabra). Doutoranda do Programa Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento UFBA/UNEB/IFBA crissantos@uneb.br

² Variação do diamante, de cor escura e grande dureza.

Entre os períodos de 1987 a 1997, a extração mecanizada do diamante volta a aquecer a economia, tendo em vista que os diamantes, já se encontravam escassos e difíceis de serem garimpados manualmente. Em 1997 ocorre o fechamento total dos garimpos e proibição do uso das dragas, causadora de muitos prejuízos ambientais, “especialmente nos leitos dos rios tributários da bacia do Paraguaçu” (SANTOS, 2006, p. 66). A Chapada Diamantina vivenciou na década de 90 um período de transição econômica da atividade garimpeira para a atividade turística. No ano de 1973, ocorre o tombamento da cidade de Lençóis pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), contribuindo para que a região passasse a se projetar mundialmente como polo turístico internacional, atraindo anualmente milhares de visitantes em busca de aventuras, fruição e/ou contemplação dos seus recursos naturais, rios, cachoeiras, conjunto de serras, montanhas, vales, grutas e um ecossistema plural.

Recentemente, o turismo cultural tem se constituído em um novo atrativo para a região. Dentre as diferentes práticas e manifestações culturais regionais, o Jarê tem estado presente nas mídias como um elemento fortalecedor do turismo cultural de caráter místico-religioso. Tem sido recorrente a procura por esse segmento, por parte de grupos de turistas, os quais chegam à região buscando vivenciar experiências e interações com as comunidades locais, com o seu patrimônio histórico e cultural. As diferentes mídias, sejam elas impressa ou eletrônica, sites, roteiros e guias turísticos da Chapada Diamantina já incluíram em seus portfólios o item turismo cultural como oferta a ser incluída na agenda de turistas. Dentre as ofertas culturais, tradições regionais e manifestações religiosas, o Jarê tem sido representado como uma religião dita de “matriz africana”. A seguir, serão apresentados alguns aspectos do Jarê, evidenciando o seu desenvolvimento na Chapada Diamantina a partir de uma perspectiva histórica, em seguida, os estudos acadêmicos sobre o tema e as representações de África (s) sobre esta prática presentes nos discursos das diferentes mídias.

O Jarê na Chapada Diamantina: um percurso histórico

Com o advento da atividade econômica do garimpo nas Lavras Diamantinas, no séc. XIX, surge o Jarê na região e, segundo seus principais pesquisadores, a exemplo de Senna (1973, 1984, 1998); Rabelo (1990) e Banaggia, (2013), o seu desenvolvimento ocorreu em paralelo ao desenvolvimento da região. O *locus* desse estudo concentra-se no município de Lençóis, tendo este surgido na cartografia baiana em 1845, pela descoberta do diamante na região, denominada à época de Lavras Diamantinas da Bahia. Inicialmente como um arraial, a Comercial Vila dos Lençóis, pertencente à freguesia de Santa Isabel do Paraguaçu, atual cidade de Mucugê, ascende à condição de cidade em 1864.

O município de Lençóis, localizado na Chapada Diamantina, centro geodésico do Estado da Bahia, situado à 440 km distante da capital do Estado, encontra-se rodeado por um conjunto de serras e montanhas, tendo como sua principal atividade econômica atual, o turismo. Havendo surgido como uma vila de garimpeiros em torno da exploração comercial do diamante, a cidade de Lençóis, como descreve Senna (2008), atraiu no séc. XIX, uma gama de forasteiros em busca do sonho de riqueza por meio do achado de pedras preciosas, tendo ao longo do seu processo de desenvolvimento, sido evidenciadas histórias fortes, inundadas de realismo e imaginação, marcadas por expressões da religiosidade do povo, pelo culto aos Santos Católicos e às divindades do *Jarê*.

Acompanhando o desenvolvimento da região das Lavras Diamantinas, como afirmam seus principais pesquisadores, o desenvolvimento histórico do *Jarê* tem como registro de origem as cidades de Lençóis e Andaraí (BANAGGIA, 2015). A sociedade lavrista começa a sua formação a partir da descoberta de diamantes na primeira metade do século XIX, inicialmente, na antiga Freguesia de Santa Isabel do Paraguaçu, seguido dos demais municípios que compunham a região das Lavras: Lençóis, Andaraí e Palmeiras. A notícia fez atrair para região uma leva de forasteiros vindos das Minas Gerais, da região de Grão Mongol; da capital do Estado; da zona do Recôncavo Baiano e também estrangeiros: árabes, judeus, franceses e povos escravizados oriundos do continente africano.

No processo de formação da sociedade local, os primeiros senhores do garimpo trouxeram famílias de negros e negras escravizados para trabalhar na extração do diamante. Senna refere que “as negras de algumas dessas famílias se dedicavam com muita assiduidade a crenças e rituais mágicos de origem africana” (SENNA, 1973, p.52). À essas mulheres negras escravizadas ou ex-escravas, denominadas de Nagôs (tendo na cidade de Lençóis uma praça chamada praça das Nagôs, onde se reuniam em dia de feira), é atribuída a origem da prática do *Jarê* na região.

“As Nagôs” cultuavam Santa Bárbara-Iansã e trabalhavam o ano todo e economizavam para realizar a festa no dia da Santa, com procissão pela cidade acompanhada da filarmônica até à localidade de Baixio, onde existia uma árvore chamada “Pau de Santa Bárbara”. “As Nagôs” eram temidas pela população branca, que a elas atribuía o poder de realizar feitiços, eram também procuradas pelos garimpeiros “infusados”³ para os quais eram prescritos trabalhos, banhos. Os rituais das “Nagôs” também envolviam danças, tratamentos e rezas para os males do

³ Infusado – diz-se do garimpeiro que não encontra diamante há muito tempo ou nunca encontrou quantidade substancial.

corpo e do espírito. Segundo Senna, esses rituais eram falados em “dialeto de origem africana” (SENN,1973, p. 53).

De acordo com o referido pesquisador, até o início do século XX, O Jarê em Lençóis acontecia como descrito acima, até a chegada de um “Curador de Raiz”⁴ à cidade, chamado Alfredo Araçás, trazendo uma nova “hierarquia de Santos”: “os caboclos”, passando a manifestá-los nos terreiros das “Nagôs”. No processo migratório, Senna (1984) afirma que os negros escravizados trazidos pelos seus senhores para trabalhar no garimpo, trouxeram consigo suas práticas religiosas e crenças já “sincretizadas”:

Os que vieram do Recôncavo baiano traziam o candomblé de orixás (gege, keto, nagô, santo, angola) já com os caboclos indígenas incorporados à sua cosmogonia e ao seu ritual. Os que chegaram de Minas, além dos orixás, traziam elementos de umbanda. Os que vieram do São Francisco chegaram com atitudes, pensamentos e valores do catolicismo rural (SENN, 1984, p.71).

Estima-se que, durante o auge da atividade econômica do garimpo, existiam mais de 40 casas de *Jarê* somente no pequeno município de Lençóis. De acordo com Banaggia (2017):

O Jarê, que pode ser considerado uma espécie de candomblé de caboclos, envolve festas em que praticantes cantam, dançam e em geral permitem que as entidades das quais mais se aproximam se manifestem em seus corpos. Frequentemente há repastos, rituais ou não, e ocasionalmente sacrifícios de animais, quando em ocasiões iniciáticas. As cerimônias têm duração variável, em torno de cinco a dez horas seguidas num único dia. Ocasionalmente podem ser repetidas em mais de um dia consecutivo, em geral dois ou três, ao contrário do que ocorria no passado, quando podia haver até nove dias seguidos de festividades. Ao longo de cada celebração pessoas sensíveis à ação das entidades costumam chegar a receber até uma dezena delas por noite, no total podendo haver, nas casas com maior número de fiéis, até perto de uma centena de incorporações distintas numa única festa (BANAGGIA, 2017, p. 4).

O desenvolvimento do Jarê nas Lavras Diamantinas, como já dito, está intimamente imbricado com o desenvolvimento da atividade garimpeira. Um universo mítico construído em torno do garimpo, do achado e ocultamento das pedras, do seu encantamento, se entrelaça com as cosmovisões do Jarê, o que a particulariza como manifestação religiosa exclusiva dessa região. O sonho do bambúrrio⁵ esteve sempre presente na vida e no imaginário dos garimpeiros, levando-os à creditar a explicações cosmológicas e sobrenaturais as dificuldades ou eventuais facilidades

⁴ Curador de Raiz – também chamado raizeiro. Ervanário, preparador de compostos rústicos à base de folha e ervas.

⁵ Bambúrrio – achado de pedra de grande valor

em encontrar um diamante valioso. Costumavam recorrer aos “Curadores de Jarê”⁶ para entender os fenômenos por ele vivenciados na lida do garimpo e na sua relação com as pedras, e eram os curadores que atribuíam explicações da ordem do sobrenatural às ocorrências, aos fatos vividos pelos garimpeiros em sua prática laboral e também receitavam trabalhos para afastar a má sorte.

Os escritos acadêmicos sobre o Jarê

O Jarê é descrito por Senna (1998), como uma religião de matriz afro-indígena, existente somente na região da Chapada Diamantina e, segundo o pesquisador, diferentemente do ocorrido em outras manifestações religiosas similares de matrizes africanas desenvolvidas no litoral, como o candomblé do recôncavo baiano, no Jarê, as forças indígenas estão mais marcadamente presentes, provocando uma confluência e uma transformação, levando todas as entidades cultuadas nas cerimônias a serem consideradas caboclas.

Os primeiros estudos acadêmicos sobre o *Jarê* são de autoria do lençoense Ronaldo de Salles Senna, datados de 1973, e apresentados como Dissertação de Mestrado na Universidade Federal da Bahia, intitulada *Garimpo e Religião na Chapada Diamantina: Um Estudo do Jarê – variante regional do sincretismo candomblé de caboclo-umbanda*, na qual aborda a religião como uma variante do “candomblé de caboclo” entrelaçado nas relações com a geografia humana e física da Chapada Diamantina. Em sua tese de doutoramento, defendida na Universidade de São Paulo (USP) no programa de Antropologia Social, em 1984, intitulada *Jarê: Manifestação religiosa na Chapada Diamantina*, empreende uma pesquisa sócio-antropológica com apoio etnográfico e evidencia a formação histórica de uma ritualística exclusiva, mostrando os modos de atuação social do sagrado, seus modos de funcionamento, seus aspectos estruturais, organizacionais e rituais. Em 1998 publica o livro *Jarê – uma face do candomblé: Manifestação Religiosa na Chapada Diamantina*, no qual apresenta sua tese de doutorado com acréscimos e revisões, trazendo contribuições significativas ao estudo do *Jarê*, seus elementos míticos e ritualísticos, seus cultos e crenças.

Outro trabalho acadêmico sobre o *Jarê* é a Tese de Doutorado de Miriam Rabelo (1990), defendida na Universidade de Liverpool, intitulada *Play and Struggle: Dimensions of the Religious Experience of Peasants in Nova Redenção, Bahia*. A tese de Rabelo aborda um *Jarê* existente na região agrícola da Chapada Diamantina e não na região do garimpo, apresentando

⁶ Curador de Jarê – “curandeiro e/ou ervanário cujo universo mágico liga-se aos cultos afro-brasileiros” (SENNA, 1984, p.44)

um estudo comparativo entre essa religião, dita “de matriz africana” e as de inspiração católica, fornecendo uma perspectiva histórica da formação da religiosidade no Nordeste Brasileiro.

A pesquisadora Carolina Souza Pedreira apresentou, em 2010, na UNB (Universidade de Brasília) sua dissertação de mestrado, intitulada: *Irmã das Almas: Rituais de Lamentação na Chapada Diamantina*, na qual, a partir de um estudo etnográfico do “ritual do terno das almas”, analisa os elementos que compõem o ritual e sua relação com o Jarê. Em 2015 defendeu sua tese também na UNB, intitulada *Tecidos do Mundo: almas, espíritos e caboclos em Andaraí, Bahia*. Pedreira realizou um estudo etnográfico no município de Andaraí na Chapada Diamantina, envolvendo a trajetória de três mulheres e a relação delas e de outras moradoras do município com almas, espíritos e caboclos, através do terno das almas e do Jarê.

Os estudos mais recentes sobre o *Jarê* são a Tese de Doutorado em Antropologia Social, *As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina*, defendida por Gabriel Banaggia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2013. Em sua tese, o pesquisador empreende um estudo etnográfico em três casas de culto junto aos homens que frequentavam o *Jarê* no município de Lençóis. O trabalho de campo do autor fora realizado no período de 2009 e 2010 e sua tese apresenta “os modos como os filhos-de-santo manejam um sistema de energias de modo a obter efeitos diversos, mobilizando criativamente as forças do jarê”. O outro estudo recente é a dissertação de mestrado defendida em 2017 na Universidade Federal da Bahia, programa Cultura e Sociedade, por Adroaldo Cruz Silva, intitulada: *Um Estudo de Caso sobre o Jarê: Memória e Identidade em Lençóis/Bahia*. Neste estudo, Silva buscou compreender as percepções dos adeptos ao Jarê sobre as políticas de valorização e preservação da memória e das identidades da cultura popular no município de Lençóis.

O Jarê e suas representações na mídia

O verbete Jarê é descrito no novo dicionário Aurélio como “(de or. afr. decerto) S.M. Dança fetichista negra da Bahia, sobretudo da região de Lençóis.” Pesquisando nos sites de busca na internet pela palavra Jarê, logo nos deparamos com a definição do Wikipédia, que assim o descreve:

O Jarê é uma religião de matriz africana, mais especificamente um candomblé de caboclo, que existe exclusivamente em cidades do Parque Nacional da Chapada Diamantina, notadamente em Iraquara, Lençóis, Mucugê, Palmeiras, dentre outras que também fazem parte do mesmo território. Uma de suas principais particularidades é o grande sincretismo religioso, com influência do

catolicismo, da umbanda e do espiritismo kardecista. Pode ser considerado um amálgama das nações bantu e nagô, às quais se uniram o culto aos caboclos.⁷

O site *jare.redelivre.org* igualmente define o Jarê como “uma religião africana”, “candomblé de caboclo”, exclusivo de algumas cidades da Chapada Diamantina, tendo como uma das suas principais características distintivas um grande sincretismo religioso com influências do catolicismo, umbanda e do espiritismo kardecista. A mídia eletrônica *Jornal da Chapada* pulicou em 17 de dezembro de 2019, uma matéria intitulada: “#Chapada: Culto de matriz africana, Jarê amplia turismo na região do município de Lençóis”, na qual reporta que:

A ampliação das festas do Jarê, baseadas na miscigenação do culto às entidades das matas, preservadas pelos filhos e netos de garimpeiros, e dos orixás da África, deu mais força ao turismo religioso da Chapada Diamantina, mais especificamente de Lençóis.⁸

O site *notibras.com.br* em reportagem sobre a Festa de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos, padroeiro dos garimpeiros na cidade de Lençóis, reporta sobre o sincretismo presente nos atos religiosos da festa com a presença predominante do Jarê, referindo-se a esta como uma “religião afro-brasileira exclusiva de quatro municípios da Chapada Diamantina: Lençóis, Palmeiras, Andaraí e Itaetê”. A página do facebook *Jarê Chapada Diamantina* apresenta o Jarê como:

(...) uma religião de matriz africana no Brasil, existente somente na Chapada Diamantina, em especial nos municípios de Lençóis e Andaraí... . Lapidada sob a liderança das nagôs, a etnia à qual pertenciam as senhoras africanas escravas e alforriadas trazidas para a região, bem como por seus descendentes nascidos em solo brasileiro. As nagôs foram as responsáveis por mesclar diversas influências religiosas, como o catolicismo popular e práticas tradicionais ligadas ao curandeirismo, com fundamentos de candomblés banto e de caboclo, numa síntese particular da qual floresceu o Jarê que perdurou na região.⁹

E o canal do youtube *Terreiro de Jarê Palácio de Ogum* assim define o Jarê:

O JARÊ é uma religião de matriz africana, mais especificamente um candomblé de caboclo, que existe exclusivamente na Chapada Diamantina, em alguns dos seus municípios. Uma de suas principais particularidades é o grande sincretismo religioso, com influência do catolicismo, da umbanda e do espiritismo kardecista. As origens do culto ocorreram em meados do século

⁷ WIKIPEDIA. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jarê>

⁸<https://jornaldachapada.com.br/2019/12/17/chapada-culto-de-matriz-africana-jare-amplia-turismo-na-regiao-do-municipio-de-lencois> Acesso em 28/01/2020

⁹ <https://www.facebook.com/jarechapada>

XIX e estão ligadas ao período da mineração, sendo muito praticado pelos garimpeiros.¹⁰

Nas mídias direcionadas ao segmento turístico, as representações do Jarê não diferem das já citadas. O *Guia Turístico da Chapada Diamantina*, disponível tanto em versão impressa, quanto eletrônica e, de grande circulação e acesso nacional, assim o descreve:

Religião de matriz africana, mais especificamente um candomblé de caboclo, o Jarê é exclusivo da Chapada Diamantina. Uma de suas principais particularidades é o grande sincretismo religioso e a presença de signos característicos da cultura local.¹¹

O site garupa.org.br, ao descrever roteiros e atividades possíveis de realização na Chapada Diamantina, sugere a visita, em Lençóis, à comunidade tradicional do Remanso, considerada quilombola, para “conhecer as histórias e lendas da região”, dentre outras atividades no local, e “visitar a casa de um pai de santo do Jarê (religião de matriz africana).” Outro site de agência de turismo: o “volta ao parque ecoturismo”, dentre as opções de eventos culturais, apresenta “encontros de Jarê (religião de origem africana que recebeu influências da cultura garimpeira, existente somente em Lençóis).”

Jarê: uma religião de matriz africana na Chapada Diamantina?

“ O Jarê é cantar, batê os tambô, os guia baixa nas pessoa e brinca”
(Vó Maria)¹²

Este estudo vem buscando compreender o Jarê, o qual se mostra como uma prática humana, construída a partir das relações, dos laços de sociabilidade, formada por indivíduos que gravitam em torno dela de forma voluntária e buscam a sua manutenção através da cooperação e prestação de serviços a seus integrantes. A pesquisa até o momento, tem nos mostrado um forte viés ideológico nas representações que circulam em torno das religiões ditas de “matriz africana”. Qual o significado, nesse contexto, em definir uma religião como sendo de “matriz africana”? Quais seriam as implicações de assim representar as religiões, como no caso específico do Jarê, aqui chamado de “religião de terreiro”? Lima (2018) atribui aos movimentos

¹⁰ [https://www.youtube.com/channel/Terreiro de Jarê Palácio de Ogum](https://www.youtube.com/channel/Terreiro%20de%20Jar%C3%AA%20Pal%C3%A1cio%20de%20Ogum)

¹¹ Guia Turístico da Chapada Diamantina, 2020, p.44

¹² D. Maria, conhecida como Vó Maria, membro da comunidade, dita quilombola, do Remanso em Lençóis – Chapada Diamantina

sociais a criação do conceito de “matriz africana”, e chama atenção para os perigos do seu uso reverberado na academia, levando a generalizações imprecisas:

Estas apontam para a invisibilidade de um sem número de práticas, costumes e heranças que não são, necessariamente, eivadas de uma “cosmovisão africana” (Aliás, é possível afirmar que exista uma cosmovisão africana? (LIMA, 2018, p.157).

De acordo com Lima, (2019), supor uma matriz africana é o mesmo que acreditar em uma essência africana, em uma África-mãe, una. Constitui-se algo da ordem do imponderável considerar uma religião de matriz africana, porque não existe algo comum no plano da cultura entre os diferentes povos do continente africano. Ainda segundo este autor, o conceito de “matriz africana” faz um apelo homogeneizante que recai para a ideia de raça, sendo esta descrita como identidade de um povo. Os estudos africanos contemporâneos, como aborda Pereira (2011) e Lima (2018) referem à invenção de uma África a partir de si, de representações constituídas no imaginário brasileiro, a partir de referências europeias, das correntes historiográficas fortemente marcadas pelo discurso colonial europeu, o qual apresenta o africano, negro e escravo como sinônimos:

No tocante a questão do conceito de “Matriz Africana”, há que se levar em conta a dificuldade de se afirmar a existência de uma homogeneidade de qualquer aspecto cultural oriundo do continente africano, e que tenha mantido uma “essência no que denominam “diáspora”. A imensa diversidade do continente africano não me permite acreditar ou concordar com a existência de uma matriz que tenha propiciado práticas e costumes culturais desprovidos da diversidade presentes em seu local “de origem” (LIMA, 2018, p.159).

Diante de um continente, o africano, que se apresenta plural em sua cultura, diversidade linguística e religiosa, não é possível pensar em práticas e costumes universais. Neste sentido, é questionável a utilização do termo “matriz africana” para designar religiões que foram influenciadas por cultos praticados por determinados povos africanos. Aliás, considerar os aspectos pertinentes às ressignificações atinentes ao âmbito da cultura, pode-se aqui observar que o jarê é muito mais o fruto de diferentes contribuições advindas de homens e mulheres vivendo em solo brasileiro, do que uma prática oriunda de outro espaço, e transplantada nestas terras.

Neste aspecto, recorreremos a Ortiz (1991) para entender o processo de desenvolvimento do Jarê na Chapada Diamantina como um fenômeno social de transculturação, o qual pressupõe que o resultado do contato entre uma ou mais culturas não se dá de modo unívoco, a mescla resultante de diferentes contatos gera um fenômeno novo, a interação entre as culturas produziria

algo inédito e diferente dos elementos “originais”. Inicia-se um processo dinâmico de trocas mútuas, no qual nenhuma das culturas envolvidas permanece idêntica.

Consideramos desse modo o Jarê como uma religião de terreiro, construída e praticada no Brasil, mais especificamente na Chapada Diamantina, a partir do contato, encontro e trocas entre as diferentes culturas confluentes no território, ainda que com fortes influências e traços característicos de culturas de diferentes povos do continente africano, mas que se configura com expressões, ritos e ritmos próprios. Entendendo o terreiro como espaço, onde se realizam os cultos, as cerimônias, os rituais, as oferendas às divindades.

Concebendo uma religião de terreiro, de acordo com Lima (2018), como um complexo sistema cultural com códigos diversos, pautados por elementos de diferentes ressignificações e em permanente estado de atualização, ressignificação, contextualização. Considera-se que a religião de terreiro tem esse nome por ser uma experiência que elege o transe público como ápice, sendo o terreiro o seu espaço. É nele que ocorrem os desafios de quem tem mais ou menos visibilidade, prestígio, poder de curar, etc. O terreiro é parte do lócus, mesmo sabendo que há o quarto-espaço sagrado em que os poderes mágicos ficam depositados, mas este se localiza dentro do terreiro, ou seja é parte deste e não algo distante. Assim, discorre Lima (2018) sobre o conceito de religião de terreiro:

Ao utilizar-me do conceito de religiões de terreiro procurei rejeitar as formas convencionais de explicar as religiões em que ocorre o fenômeno da possessão a partir de uma suposta africanidade, ou mesmo da forte influência do modelo nagô para todas que são praticadas no âmbito de um terreiro. Assim, procuro não utilizar termos que considero inapropriados, a exemplo de religiões de “matriz africana”, “afrodescendentes”, “afro-brasileiras” ou simplesmente “religiões negras”. Ao utilizar o conceito de religiões de terreiro, estou me referindo a todas em que a possessão é feita por uma divindade, que tanto pode ser um orixá ou um vodu, ou por uma entidade, que pode ser qualquer encantado (LIMA, 2018, p.159).

Neste sentido, definir o Jarê como uma religião de matriz africana o aprisiona, de certo modo, em uma imagem de África mítica, originária, essencializada, a qual só existe no imaginário brasileiro. Por outro lado, torna invisível os diferentes matizes e singularidades de uma religião tão plural e ao mesmo tempo singular na sua ocorrência exclusiva em alguns municípios da Chapada Diamantina, e retira dos seus praticantes o protagonismo da criação e invenção das práticas em seus territórios. Sobre esse aspecto com tamanha propriedade, aborda Lima (2019):

Nomear religiões como a jurema, catimbó, terecô, umbanda e candomblé de caboclo, só para ficar nestes exemplos, como “religiões de matriz africana” é,

no mínimo, querer invisibilizar elementos fundamentais existentes nestes sistemas religiosos, a exemplo do cristianismo, kardecismo, influências indígenas, dentre outros. Isto para não se referir à crença de uma dada origem das práticas, questão que talvez seja mais perversa, por dotar invenções e escolhas de uma linearidade que nem sempre há no fazer cultural (LIMA, 2019, p. 45).

Corroborando com o pensamento dos estudiosos de África contemporânea, faz-se necessária a reflexão sobre qual África está presente nas representações brasileiras. Precisamos refletir quais são as nossas marcas, sejam elas quais forem, e entender que práticas e costumes culturais não possuem origem possível de ser compreendida no tempo e espaço. Afinal de contas, como demarcar a origem de algo sem considerar as experiências daqueles que a fazem? Sejam indígenas, africanos ou europeus, faz-se necessário compreender que todo e qualquer espaço possui em seu solo práticas e costumes que são inventados por aqueles e aquelas que vivem em seu solo. Com vistas a não continuarmos reproduzindo o discurso colonial que inventou o conceito de raça, é preciso retirar o essencialismo presente nos discursos sobre uma suposta “matriz africana” das religiões de terreiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANAGGIA, Gabriel. **As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina** – Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social – UFRJ, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2013.

BANAGGIA, Gabriel. Conexões Afroindígenas no Jarê da Chapada Diamantina. In 40º Encontro Anual da Anpocs. **Revista de Antropologia da UFSCAR**, 2017, p. 123-133.

BEIRED. José Luis Bendicho. Fernando Ortiz e a rede transatlântica de intercâmbios. **Revista USP**. São Paulo, nº 123, 2019, p. 29-44.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 2019

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Ensino de História, África e Brasil: Entre Conceitos e Estereótipos. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 10, p. 41-69, 2019.

_____. **Representações da África no Brasil: novas interpretações**. Recife, Ed. Bagaço, 2018.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Formação territorial: ocupação econômica e divisão dos poderes nas serranias centrais da Bahia**. In: Relatório INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais – Chapada Diamantina, 2015.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Havana: ed. Ciencias Sociales, 1991.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. **Africano, escravo e negro: armas e armadilhas da identidade racial**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

SANTOS, Líliam Margarida Andrade. **Do diamante ao turismo, o espaço produzido no município de Lençóis-BA**. Dissertação de mestrado em Geografia. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2006.

SENNA, Orlando Senna: **Os Lençóis e os Sonhos**. Rio de Janeiro - Ed. Record, 2009.

SENNA, Ronaldo de Salles. **Garimpo e religião na Chapada Diamantina: um estudo do jarê – variante regional do sincretismo candomblé de caboclo-umbanda**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1973.

_____. Deuses Antigos, Demônios Atuais. **Sitientibus**, Feira de Santana, Vol. 03, n. 05, p. 13-17, jan-jun., 1986.

_____. **Jarê: manifestação religiosa na Chapada Diamantina**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Lençóis: um estudo diagnóstico**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1996.

_____. **Jarê – uma face do candomblé**. Manifestação Religiosa na Chapada Diamantina. Feira de Santana: UEFS, 1998.

SENNA, Ronaldo de Salles; AGUIAR, Itamar. Pereira. **Remanso: uma comunidade mágico-religiosa: o fantástico apoiado em uma mundividência afrodescendente – aspectos das ambiências sociais, geográficas e históricas**. Feira de Santana: UEFS, 2016.

TEIXEIRA, Wilson; LINSKER, Roberto. **Chapada Diamantina: águas do sertão**. São Paulo. Terra Virgem, 2005.

FONTES DIGITAIS:

GUIA TURÍSTICO DA CHAPADA DIAMANTINA. Ed. Flora Comunicação, 2020.

JARÊ- Wikipedia-enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jarê>. Acesso em 16/07/2020.

JORNAL DA CHAPADA. Disponível em: https://jornaldachapada.com.br/2019/12/17/chapada-culto-de-matriz-africana-jare-amplia-turismo-na-regiao-do-municipio-de-lencois/?fbclid=IwAR3vnLdzeDxvfoxtP9Gaz-fGM_8imXgZy0vTt609kiTD6aPY0Eb-UEpXzQs. Acesso em 28/01/2020

Recebido em: 18/03/2020

Aprovado em: 22/06/2020